

Contributo para uma abordagem de Plínio-o-Moço

António Mateus Vilhena

Preâmbulo

A reconhecida carência de instrumentos didácticos adequados a uma correcta aplicação do programa de Latim do 12º ano actualmente em vigor causa aos docentes, em regra absorvidos pelo cumprimento de horários fatigantes e dispersivos, alguns embaraços cuja superação não é fácil.

O maior desses embaraços consiste, a nosso ver, na espinhosa tarefa de seleccionar (quantas vezes a partir de material escassíssimo !) um conjunto de textos que, sendo representativos dos nove autores eleitos como marcos imprescindíveis numa rápida visão diacrónica da literatura latina, proporcione simultaneamente, em pouco mais de cem aulas, uma abordagem de "toda a matéria linguística e cultural proposta para estudo" (*programa*, p. 5), o qual, como criteriosamente se determina, não deve ser feito em obediência a uma ordem temática pré-estabelecida, "mas consoante as oportunidades fornecidas pelos mesmos textos" (*ibidem*, p. 5).

Ora, demonstrando a experiência docente que a falta de um "corpus", mesmo restrito, dos referidos autores inviabiliza a selecção de excertos atinentes a alguns dos temas de cultura insuficientemente contemplados nas habituais antologias, e sendo do conhecimento geral que muitos professores leccionam em escolas onde não dispõem de bibliotecas apetrechadas tendo em vista as exigências programáticas, consideramos de interesse qualquer contributo que tente, honestamente e sem pretensões, suprir algumas das lacunas apontadas.

Foi o espírito de colaboração que nos levou a escolher e anotar, no conjunto da vasta obra epistolográfica de Plínio-o-Moço, cinco textos, cujo estudo (no seu todo ou em parte, conforme a opção do professor) permitirá nomeadamente:

- a consolidação de conhecimentos de natureza linguístico-gramatical (com o indispensável recurso a trabalhos de casa consistindo em exercícios de tradução, versão e transformação de frases);
- a abordagem das seguintes rubricas do programa: as leituras públicas (*recitationes*); a publicação das obras literárias; as bibliotecas; outros locais de estudo e meditação: as *uillae*; o *tablinum*; jardins e parques;
- o enquadramento de Plínio na conjuntura político-económico-social e no ambiente literário do seu tempo;
- a compreensão de alguns traços peculiares da obra e do estilo do autor;

- a constatação da sobrevivência de Plínio ao longo dos séculos;
- a aquisição de elementos que contribuam para gradualmente gizar na aula uma panorâmica diacrónica da literatura latina.

As propostas de comentário gramatical que acompanham três dos textos limitam-se a remeter para estruturas sintácticas que, não sendo vulgarmente objecto de exame sistemático, assumem, no entanto, importância para um cabal entendimento dos extractos plinianos e se revestem de grande significado na sintaxe latina.

As considerações teóricas suscitadas pelos itens programáticos de natureza cultural ou literária, apresentamo-las em esquema, privilegiando, como é óbvio, as que se nos afiguram de maior relevância e interesse.

Tais considerações devem, para tornar mais eficaz a apreensão de noções, ocorrer *a posteriori*, isto é, a partir dos textos, e ser complementadas com a leitura, por parte dos alunos, de bibliografia pertinente, indicada pelos docentes.

No tocante a dados biográficos do autor e respectivo enquadramento histórico, permitimo-nos sugerir que, em linhas gerais (a aprofundar gradativamente), os discentes tomem conhecimento deles antes de iniciarem o estudo dos excertos de Plínio, cujo conteúdo adquirirá, a essa luz, uma maior transparência.

A vida de Plínio no seu contexto histórico

- Plínio nasceu em Como, em 61 ou 62 d.C. (era Nero imperador), no seio de uma família abastada e aristocrática, filho de uma irmã de Plínio-o-Velho e de um grande proprietário rural;
- estudou em Roma, onde recebeu, graças à orientação do tio, uma cuidada instrução latina e grega, com Quintiliano e Nicetas de Esmirna, respectivamente. Na escola de um deles tornou-se amigo de Tácito;
- em 79 d.C., por morte de Plínio-o-Velho, que o adoptara em testamento, herda-lhe os bens e passa a usar o nome de Gaio Plínio Cecílio Segundo;
- a cultura e a riqueza que possui permitem-lhe o rápido acesso a influentes esferas sociais da capital, que lhe abrem as portas da vida pública;
- a par da sua actividade de escritor e de advogado e orador muito aplaudido, Plínio percorre com brilhantismo o *cursus honorum* e desempenha, depois de ter sido tribuno militar na Síria, por volta de 81 d.C., outros importantes cargos, durante os governos de Domiciano (81–96), Nerva (96–98) e Trajano (98–117):
- questor (91);
- tribuno da plebe (92);
- prefeito do Tesouro Militar e do Tesouro Público (94–100);
- pretor (95);

- *consul suffectus* (100);
- membro do colégio dos áugures (a partir de 101);
- director dos serviços que tinham a seu cargo a limpeza do Tibre e o sistema de esgotos de Roma;
- propretor no Ponto e na Bitínia (cerca de 110), onde provavelmente morreu (em 112 ou 113).

Plínio surge-nos, pois, como um típico representante da nova aristocracia preponderante no funcionalismo público, sobretudo da parcela que, tendo servido Domiciano, déspota de orientação política declaradamente anti-senatorial, o fez, decerto, com o bom senso que justifica a sua permanência na administração do Estado, durante os reinados de Nerva, defensor acérrimo do Senado, e de Trajano, hábil general hispânico, artífice da concórdia entre as classes militar e senatorial.

A proveniência geográfica deste imperador, bem como a de Plínio, demonstra a importância progressivamente assumida pela aristocracia provincial, em particular a das regiões ocidentais do império, e, segundo Italo Mariotti, "a fundamental paridade de direitos entre cidadãos de qualquer origem" (p.15)*, elementos marcantes de um período de esclarecida promoção social, tolerância religiosa, abertura cultural e pacificação interna, aproveitada para relançar uma política externa baseada no imperialismo agressivo, que visou, em nome da segurança das fronteiras, subjugar os Dácios e os Partos.

TEXTO I

Plínio-o-Moço mostra-se satisfeito com a extraordinária proliferação de poetas e de leituras públicas (*recitationes*) na capital, mas lamenta a manifesta falta de interesse dos *auditores* por estas últimas.

C.PLINIVS SOSIO SENEACIONI SVO S.

Magnum prouentum poetarum annus hic attulit; toto mense Aprili nullus fere dies⁽¹⁾, quo non recitaret⁽²⁾ aliquis. Iuuat⁽³⁾ me quod uigent studia, proferunt se ingenia hominum et ostentant, tametsi ad audiendum pigre coitur. Plerique in stationibus⁽⁴⁾ sedent tempusque audiendi fabulis conterunt ac subinde sibi nuntiari⁽⁵⁾ iubent an iam recitator intrauerit, an dixerit praefationem, an ex magna parte euoluerit⁽⁶⁾ librum; tunc demum ac tunc quoque lente cunctanterque ueniunt; nec tamen permanent, sed ante finem recedunt, alii dissimulanter et furtim, alii simpliciter et libere.

Nunc otiosissimus quisque⁽⁷⁾ multo ante rogatus⁽⁸⁾ et identidem admonitus aut non uenit aut, si uenit, queritur se diem (quia non perdiderit) perdidisse.

* A indicação de página que acompanha cada citação remete sempre para a obra do autor especificada na bibliografia.

Equidem⁽⁹⁾ prope nemini⁽¹⁰⁾ defui. Erant sane plerique amici; neque enim est fere quisquam qui studia⁽¹¹⁾, ut non⁽¹²⁾ simul et nos⁽¹³⁾ amet. His ex causis, longius quam destinaveram tempus in urbe consumpsi. Vale.

Plínio-o-Moço, *Cartas*, I.13. 1-2, 4-6 (com supressões)

NOTAS

- (1) Subentenda "fuit".
- (2) *recito, as, are, aui, atum* – "fazer uma leitura pública". O emprego do conjuntivo resulta da negação expressa por *nullus dies*.
- (3) O verbo está empregado com valor impessoal e dele depende uma oração completiva introduzida por *quod*.
- (4) *statio, onis(f)* – "local público de encontro"; "lugar público de reunião"; "sala de reuniões".
- (5) Neste contexto *nuntiari* equivale a "saber" ou "perguntar".
- (6) Deve ter-se presente que um livro era um rolo de papiro que se ia desenrolando à medida que a leitura avançava. *Euoluo* deverá, pois, entender-se como "ler".
- (7) *otiosissimus quisque* – "o maior dos ociosos" ou, como propõe M^a H.Rocha Pereira, "a pessoa mais desocupada" (p.205)
- (8) O participio *rogatus*, tal como *admonitus*, tem um valor concessivo.
- (9) *Equidem* (adv.) – "quanto a mim"; "pela minha parte"; "no que me diz respeito".
- (10) *nemini* – "a nenhum dos leitores", isto é, "a nenhuma das leituras".
- (11) Subentenda "amet" (cf. nota 2).
- (12) *ut non* tem valor consecutivo.
- (13) *et nos* = "quoque me".

Comentário gramatical

- Orações relativas com conjuntivo, dependentes de certas expressões negativas (linha 2: *quo non recitaret aliquis*; linha 12: *qui studia [amet]*).
- Orações completivas de *quod* (linha 2: *quod uigent studia*).
- A sintaxe de *iubeo* (linha 5: *nuntiari iubent*).
- O emprego crescente da partícula *an* nas orações interrogativas indirectas (a referida partícula, que na prosa clássica se utilizava, nas interrogativas indirectas simples, apenas em locuções como *dubito an, nescio an*, começa na época imperial a ter largo emprego, substituindo *num*. Cf. a propósito A. Ernout-F. Thomas, *Syntaxe Latine*, pp.316-319).

TEXTO II

O escritor faz a apologia da leitura pública dos seus discursos, pois considera essa prática uma excelente oportunidade para a detecção de imperfeições e respectiva correcção.

C. PLINIUS CELERI SVO S.

Sua cuique ratio recitandi⁽¹⁾; mihi, quod⁽²⁾ saepe iam dixi, ut⁽³⁾, si quid me fugit (ut⁽⁴⁾ certe fugit) admoner. Quo magis miror quod⁽⁵⁾ scribis fuisse quosdam qui reprehenderent⁽⁶⁾ quod orationes omnino recitarem⁽⁶⁾.

Nec uero ego dum recito laudari, sed dum legor⁽⁷⁾, cupio. Itaque nullum emendandi genus omitto. Ac primum quae scripsi mecum ipse pertracto; deinde duobus aut tribus lego; mox aliis trado adnotanda⁽⁸⁾, notasque eorum, si dubito, cum uno⁽⁹⁾ rursus aut altero pensito; nouissime⁽¹⁰⁾ pluribus recito ac, si quid mihi credis, tunc acerrime emendo.

Ego enim non populum aduocare sed⁽¹¹⁾ certos electosque soleo, quos intuear⁽¹²⁾, quibus credam, quos denique et tamquam singulos obseruem et tamquam non singulos timeam. Timor est, timor emendator asperimus. Hoc ipsum⁽¹³⁾, quod⁽¹⁴⁾ nos recitatuos⁽¹⁵⁾ cogitamus, emendat; quod⁽¹⁴⁾ auditorium ingredimur, emendat; quod⁽¹⁴⁾ pallemus, horrescimus, circumspicimus, emendat. Proinde non paenitet me consuetudinis meae, quam utilissimam experior. Vale.

Plínio-o-Moço, *Cartas* VII.17.1–2,7,12–15 (com supressões)

NOTAS

- (1) Subentenda "est".
- (2) *quod* – "aquilo que".
- (3) *ut* (valor explicativo)...*admoner* – "isto é/a saber.... ser advertido".
- (4) *ut* (valor explicativo num inciso) – "como"; "conforme"
- (5) *quod* tem valor completivo.
- (6) O emprego do conjuntivo é justificado pelo discurso indirecto.
- (7) Está aqui implícita a ideia de "depois da publicação".
- (8) *adnotanda* refere-se a "ea" (subentendido) – "para as anotarem".
- (9) *cum uno...aut altero* – "com uma...ou duas pessoas".
- (10) *nouissime* – "em último lugar".
- (11) Subentenda "auditores".
- (12) Este conjuntivo e os subsequentes, no mesmo período, têm valor potencial.
- (13) *ipsum* – "precisamente"; "exactamente".
- (14) *quod* (valor explicativo) – "o facto de".
- (15) Subentenda "esse".

Comentário gramatical

- O emprego de *ut* com valor explicativo (com conjuntivo, em orações que funcionem como aposto, à semelhança do que acontece nas linhas 1-2, em *ut(...)admonere*; com indicativo, nos incisos, como na linha 2, em *ut certe fugit*).
- A utilização do gerundivo, como predicativo do complemento directo, com valor final (linha 6: *mox aliis trado adnotanda*. Cf. Ernout-Thomas, *ob. cit.*, pág. 286).
- O valor explicativo de *quod* com indicativo (linhas 12-13: *quod (...) cogitamus; quod...quod...* Cf. Ernout-Thomas *ob. cit.*, pp. 304-305).
- Verbos com acusativo e genitivo (linha 14: *non paenitet me consuetudinis meae*).

TEXTO III

O autor faz incidir a mensagem na *recitatio* de um seu livro de poemas, caracterizado pela variedade métrica e temática.

C.PLINIVS ARRIANO SVO S.

Vt in uita sic in studiis⁽¹⁾ pulcherrimum et humanissimum existimo seueritatem comitatemque miscere, ne illa in tristitiam, haec in petulantiam excedat⁽²⁾. Qua ratione ductus, grauiora opera⁽³⁾ lusibus iocisque distinguo⁽⁴⁾. Ad hos proferendos et tempus et locum opportunissimum elegi, utque iam nunc⁽⁵⁾ adsuescerent et ab otiosis et in triclinio audiri, Iulio mense, quo maxime lites interquiescunt, positis⁽⁶⁾ ante lectos cathedris amicos collocaui.

Liber fuit et opusculis⁽⁷⁾ uarius et metris. Ita solemus⁽⁸⁾, qui ingenio parum fidimus⁽⁸⁾, satietatis periculum fugere. Recitavi biduo, hoc ad sensus audientium exegit. Lego omnia, ut omnia emendem, quod⁽⁹⁾ contingere⁽¹⁰⁾ non potest electa⁽¹¹⁾ recitantibus. At illud modestius et fortasse reuerentius⁽¹²⁾; sed hoc simplicius et amantius⁽¹²⁾; amat⁽¹³⁾ enim qui se sic⁽¹⁴⁾ amari putat, ut taedium non pertimescat. Et alioqui quid praestant sodales, si conueniunt uoluptatis suae causa? Delicatus⁽¹⁵⁾ ac similis ignoto est qui amici librum bonum mauult audire quam facere⁽¹⁶⁾. Vale.

Plínio-o-Moço, *Cartas*, VIII.21.1-2,4-6 (com supressões)

NOTAS

(1) Dê ao plural de *studium*, *ii* (n), neste contexto, o significado de "letras" ou de "literatura".

(2) *excedo, is, ere, cessi, cessum* - "resultar em", "degenerar".

- (3) Ao referir-se a *grauiora opera*, Plínio tem em mente os seus discursos, que contrapõe à obra poética, considerada como uma diversão, um passatempo (*lusus iocusque*).
- (4) *distinguo, is, ere, stinxi, stinctum* – "variar"; "alternar".
- (5) O sujeito (subentendido) remete para *lusibus iocisque e hos*.
- (6) Traduza a frase como se as palavras estivessem assim ordenadas : *positis cathedris ante lectos, amicos [ibi] collocaui*.
- (7) *opusculum, i (n)* – "pequena composição".
- (8) Considere estas formas verbais como se estivessem na 1ª pessoa do singular.
- (9) *quod* – "o que".
- (10) *contingere* está utilizado impessoalmente.
- (11) *electa*, complemento directo de *recitantibus*, deve ser entendido como "composições escolhidas/seleccionadas".
- (12) Subentenda "est".
- (13) Subentenda "amigos".
- (14) Preste atenção a *sic...ut...pertimescat*.
- (15) *delicatus, a, um* – "frívolo"; "diletante"
- (16) Subentenda "bonum" e dê a *facere* o significado de "tomar".

TEXTO IV

O epistológrafo descreve a beleza da sua *uilla* da Toscana, após ter traçado um quadro da paisagem circundante, com alusões às características climáticas da região.

C. PLINIVS DOMITIO APOLLINARI SVO S.

Caelum est hieme frigidum et gelidum. Aestatis⁽¹⁾ mira clementia⁽²⁾. Semper aer spiritu aliquo mouetur, frequentius tamen auras quam uentos habet.

Regionis forma pulcherrima⁽²⁾. Imaginare⁽³⁾ amphitheatrum aliquod immensum et⁽⁴⁾ quale sola rerum natura⁽⁵⁾ possit effingere. Lata et diffusa planities montibus cingitur, montes summa sui parte procera nemora et antiqua habent, frequens ibi et uaria uenatio⁽²⁾.

Villa in colle imo⁽⁶⁾ sita prospicit⁽⁷⁾ quasi ex summo; ita leuiter et sensim cliuo fallente consurgit⁽⁸⁾ ut, cum ascendere te non putes, sentias⁽⁹⁾ ascendisse.

A capite⁽¹⁰⁾ porticus triclinium excurrit⁽¹¹⁾. In cornu⁽¹²⁾ porticus amplissimum cubiculum triclinio occurrit⁽¹³⁾. Alibi⁽¹⁴⁾ pratulum, alibi ipsa⁽¹⁵⁾ buxus interuenit in formas mille discripta, litteras interdum, quae modo nomen domini dicunt, modo artificis; alternis⁽¹⁶⁾ metulae surgunt, alternis inserta sunt poma, et in opere urbanissimo⁽¹⁷⁾ subita uelut inlati⁽¹⁸⁾ ruris imitatio.

Sunt locis pluribus disposita sedilia e marmore, quae ambulatione fessos iuuant. Fonticuli sedilibus adiacent; per totum hippodromum inducti fistulis strepunt⁽¹⁹⁾ riui.

Habes causas, cur ego Tuscos meos⁽²⁰⁾ Tusculanis⁽²¹⁾, Tiburtinis Praenestisque praeponam.

Ibi animo, ibi corpore maxime ualeo. Nam studiis animum, uenatu corpus exerceo. Mei quoque nusquam salubrius degunt. Vale.

Plínio-o-Moço, *Cartas*, V.6.4-5,7,14,19,23,35,40,45-46 (com supressões)

NOTAS

- (1) Para um melhor entendimento da frase, subentenda "autem".
- (2) Subentenda "est".
- (3) Trata-se do imperativo.
- (4) Subentenda o correlativo comparativo "tale".
- (5) *rerum natura* – "a natureza".
- (6) *in colle imo* – "na parte inferior da colina".
- (7) *prospicio, is, ere, spexi, spectum* (intr.) – "ter uma vista".
- (8) O sujeito subentendido desta forma verbal é "collis".
- (9) Subentenda, na oração infinitiva, o sujeito "te".
- (10) *caput, itis(n)* – "início"; "começo".
- (11) *excurro, is, ere, curri (cucurri), cursum* – "formar uma saliência".
- (12) *cornu, us(n)* – "extremidade".
- (13) Neste contexto dê ao verbo *occurro* o significado de "estar em simetria com".
- (14) *alibi...alibi* – "aqui...ali"; "nuns lugares... noutros".
- (15) *ipsa* – "por si só"; "sozinha".
- (16) *alternis...alternis* – "ora...ora"; "alternadamente".
- (17) *urbanus, a, um* – "requintado"; "esmerado".
- (18) Subentenda "illuc".
- (19) *strepo, is, ere, strepui, strepitum* – "murmurar"; "sussurrar".
- (20) *Tuscos meos* – "a minha casa da Toscana".
- (21) Esta alusão a *uillae* de Túsculo, Tíbur e Preneste não implica que Plínio possuísse casas nessas regiões. Segundo A.M. Guillemin, "ao nomear estes três locais "à la mode", ele quer dizer que se contenta com uma casa situada numa região menos procurada"(Pline Le Jeune, *Lettres*, tome II, p. 73).

TEXTO V

Plínio sente enorme prazer na sua *uilla* de Laurento, por se tratar duma casa cheia de conforto e encanto, situada num litoral ameno, banhado, mesmo em pleno inverno, pela luz e pelo calor do sol.

C. PLINIVS GALLO SVO S.

Miraris cur me Laurentinum⁽¹⁾ meum tanto opere delectet; desines mirari, cum cognoueris gratiam uillae, opportunitatem loci, litoris⁽²⁾ spatium⁽³⁾.

Villa usibus⁽⁴⁾ capax, non sumptuosa tutela⁽⁵⁾. Cuius in prima parte atrium frugi nec tamen sordidum⁽⁶⁾, deinde porticus in D litterae similitudinem⁽⁷⁾ circu-

mactae⁽⁸⁾, quibus⁽⁹⁾ paruola, sed festiua area includitur. Est contra medias⁽¹⁰⁾ cauaedium⁽¹¹⁾ hilare, mox triclinium satis pulchrum, quod in litus excurrit⁽¹²⁾ ac, si quando Africo mare impulsum est, fractis iam et nouissimis⁽¹³⁾ fluctibus leuiter adluitur. Vndique ualuas aut fenestras non minores ualuas habet; a tergo siluas et longinquos respicit montes.

Huius⁽¹⁴⁾ a laeua retractius paulo cubiculum est amplum, deinde aliud minus, quod altera fenestra admittit orientem, occidentem⁽¹⁵⁾ altera retinet. Huius cubiculi et triclinii illius obiectu⁽¹⁶⁾ includitur angulus, qui purissimum solem continet et accendit. Adnectitur angulo cubiculum in hapsida⁽¹⁷⁾ curuatum, quod ambitum solis fenestris omnibus sequitur. Parieti eius in bybliothecae speciem⁽¹⁸⁾ armarium⁽¹⁹⁾ insertum est, quod non legendos libros, sed lectitandos⁽²⁰⁾ capit⁽²¹⁾.

Turris erigitur, quae latissimum mare, longissimum litus, uillas amoenissimas prospicit.

Mare non sane pretiosis piscibus abundat, soleas tamen et squillas⁽²²⁾ optimas egerit⁽²³⁾.

Villa uero nostra etiam mediterraneas⁽²⁴⁾ copias⁽²⁵⁾ praestat, lac in primis; nam illuc⁽²⁶⁾ e pascuis pecora conueniunt, si aquam umbramue sectantur. Vale.

Plínio-o-Moço, Cartas, II.17.1,4-8,12,28-29 (com supressões)

NOTAS

- (1) *Laurentinum*, i(n) – "a casa de Laurento" (cf. F. Gaffiot).
- (2) *litus, oris* (n) – "praia".
- (3) *spatium*, ii(n) – "extensão".
- (4) *usus, us*(m) – "necessidade"; "exigências da vida" (cf. ed. Signorelli, p. 18).
- (5) *tutela, ae*(f) "guarda"; "vigilância"; "manutenção". Subentenda "est".
- (6) *sordidus*, a, um – "insignificante"; "desprezível".
- (7) *in(...)* *similitudinem* – "com a forma"; "semelhante a".
- (8) *circumactus, a, um* – "disposto semicircularmente /em semicírculo"
- (9) *quibus* – é um agente da passiva.
- (10) *contra medias*[*porticus*] – "em frente da parte central do pórtico".
- (11) *cauaedium*, ii (n) é uma palavra criada por Plínio, que significa "pátio interior".
- (12) *excurro, is, ere...* – "prolongar"; "avançar".
- (13) *nouissimus, a, um* – "acabado de se espraiair".
- (14) Refere-se a "*triclinium*".
- (15) Entenda como *orientem, occidentem*[*solem*].
- (16) *obiectus, us*(m)– "encontro"; "reunião"; "junção".
- (17) *in hapsida* – "em ábside".
- (18) *in(...)* *speciem* (cf. nota 7) – "em forma"; "à semelhança".
- (19) *armarium, ii*(n) – "armário" (móvel com um conjunto de estantes fechadas, divididas em secções numeradas onde eram colocados os rolos de papíro).
- (20) *lectito, as, are, aui, atum*– "ler e reler"(=estudar).
- (21) *capit* = "continet"

- (22) *squilla*,ae(f)–"esquila"(é um crustáceo).
 (23) *egero*, *is*, *ere*...– "lançar fora"; "oferecer"; "dar".
 (24) *mediterraneus*, *a*, *um* –"da terra".
 (25) *copiae*, *arum* (f. pl.)–"produtos".
 (26) *illuc*,isto é, "in uillam".

Comentário gramatical

- O emprego do gerundivo, como predicativo do complemento directo, com valor final (linha 15: *quod non legendos libros, sed lectitandos capit*. Cf. comentário gramatical ao texto II).
- Verbos com ablativo (linha 18: *Mare non sane pretiosis piscibus abundat*).

Considerações teóricas sobre alguns temas de cultura

A

Na abordagem do tema as *leituras públicas*, que constitui o centro de interesse dos textos I, II e III, merecem particular destaque os seguintes aspectos:

- a prática das *recitationes* (leituras que os autores faziam das suas obras a um público de convidados) foi inaugurada em Roma por Asínio Polião, contemporâneo de Augusto;
- tal hábito nasceu da tentativa de divulgar escritores estreantes e pobres, que estavam à mercê de editores onnipotentes e não beneficiavam do mecenatismo;
- essas leituras abrangiam três categorias de obras – poesia lírica, drama e história –, a que Plínio acrescentou os discursos (Cf. texto II);
- esta modalidade de divulgação literária decorria em locais diversos: os autores que, embora abastados, preferiam uma assistência reduzida, utilizavam geralmente o seu *triclinium* (cf. texto III); os mais pretensiosos, por sua vez, tinham uma sala exclusivamente destinada a esse fim, o *auditorium*, que também emprestavam ou alugavam, conforme prevalecia neles a generosidade ou o sentido lucrativo; por seu lado, os desprotegidos da sorte, que não dispunham de *triclinium*, nem de dinheiro para o aluguer de uma sala, contentavam-se com um pórtico, uma encruzilhada, uma sala nas termas ou numa livraria;
- as leituras públicas conheceram, na época imperial, uma tão grande voga que Adriano resolveu, por assim dizer, consagrá-las definitivamente, mandando construir, em 135 d.C., o *Athenaeum*, reservado à realização das mesmas;
- pela sua frequência maciça, as referidas sessões, mais do que fontes de genuína atmosfera cultural, susceptíveis de enriquecer os espíritos e as obras em apreciação antes de publicadas (Plínio ilude-se a este respeito!), constituíram, as mais das vezes, um passatempo mundano, a que os *auditores* assistiam com

indiferença, desatenção (cf. texto I) e até bocejos. Tornaram-se uma escola de retribuição e elogio mútuo;

- ao transformarem parcialmente um texto (que deve ser o fruto amadurecido de um talento individual com que se enriquece uma comunidade livre) em "produto de uma sociedade literária" (A. La Penna, p. 136) endereçado a um público alheio a problemas políticos, sociais e morais, as *recitationes* subtraíram as obras literárias ao seu meio natural, desenraizaram-nas da vida, contribuindo decisivamente para "esvaziá-las da humana realidade fora da qual não existe obra-prima" (J. Carcopino p. 245).
- não se pauta pela unanimidade a reacção dos grandes escritores latinos dos séc. I e II d.C. face às leituras públicas: aos aplausos incondicionais de Plínio opõe-se, por exemplo, a mofa de Marcial e de Juvenal.

B

A indispensável referência, no âmbito das leituras públicas, a *editores, publicação de obras e tipos de livros*, permite rever e aprofundar noções adquiridas durante o estudo dos textos de Cícero, grande amigo do primeiro *bibliopola* romano, Tito Pompónio Ático, e ele próprio editor do "De rerum natura" de Lucrécio.

Merecem, a propósito, ser sublinhados estes pontos:

- as diversas espécies de livros e respectivos materiais;
- o papel dos escravos copistas ;
- a situação privilegiada do livreiro-editor, que, para além de não comprar os manuscritos nem pagar direitos de autor, quase sempre recebia dinheiro deste para fazer as cópias, que vendia muito caras;
- o conseqüente enriquecimento dos livreiros e a inevitável penúria dos escritores pobres;
- a fama alcançada, em Roma, no tempo de Plínio, por alguns editores: Tryphon, que publicou Quintiliano e Marcial; C. Valerianus; Secundus (perto do Fórum da Paz); Atrectus, no Argiletto, que era o bairro dos livreiros.

C

No texto V Plínio afirma ter, na sua *uilla* de Laurento, um "armarium in bybliothecae speciem". Esta alusão oferece um bom ensejo para, no tocante a *bibliotecas*, referir que:

- a partir do momento em que L. Emílio Paulo, após a vitória de Pidna (168 a.C.) sobre os Macedónios, trouxe para Roma, como despojo de guerra, a esplêndida biblioteca do rei Perseu, e em que, por um influxo mais acentuado do helenismo se cimentou o interesse pela cultura, as famílias romanas abastadas

apetrecharam as *domus* e as *uillae* de bibliotecas, por vezes muito ricas (por exemplo, as de Cícero e Luculo). Os "uolumina" que as compunham eram, em muitos casos, copiados por escravos do senhor investidos na função de escribas;

- a primeira biblioteca pública romana foi aberta pelo cônsul Asínio Polião (o introdutor das *recitationes*);
- à semelhança de Augusto, que criou na capital duas bibliotecas públicas, e de Trajano, a quem se ficou a dever a famosa *bibliotheca Vlpia* no foro do seu nome, os imperadores Tibério e Vespasiano proporcionaram a construção de uma em cada reinado;
- dos 28 edifícios públicos deste tipo existentes na capital, no sec.IV, muitos estavam anexos a templos ou integrados em termas;
- no mundo romano é digna de especial menção a biblioteca privada que, na chamada "vila dos papiros" em Herculano, a arqueologia desenterrou das cinzas do Vesúvio.

D

Os textos IV e V suscitam, quanto à rubrica programática *outros locais de estudo e meditação*, algumas considerações:

- sendo espaços caracterizados, em geral, por singular luxo, conforto e tranquilidade, as *uillae* (sobretudo as *urbanae*) convidavam ao repouso longe do bulício citadino. No caso dos escritores e outros intelectuais, estimulavam-lhes a reflexão e propiciavam a elaboração de obras literárias e tratados filosóficos ou de outra natureza, assim como a amena discussão dos mais variados temas, em círculos restritos de amigos (recordem-se as *Tusculanae Disputationes*, de Cícero);
- os jardins, de que nem nas *domus* os romanos prescindiam, adquiriram nas *uillae*, tal como os parques, um significado especial. Ornados, quer uns quer outros, de abundante vegetação, que incluía plantas aromáticas raras, de fontes e até de estátuas, constituíam lugares aprazíveis e privilegiados para a meditação e o estudo, o *otium litteratum*, propiciador de enriquecimento cultural e espiritual;
- a *domus* tinha no *tablinum*, compartimento contíguo ao átrio, um local destinado simultaneamente a arquivo de família e a escritório. Como gabinete reservado à leitura, à reflexão, ao labor intelectual, em suma, era apetrechado de, pelo menos, um armário-livraria.

Características fundamentais da obra e do estilo de Plínio

- A obra completa de Plínio englobava inúmeros *discursos* judiciais e encomiásticos (deles apenas sobreviveu o *Panegírico de Trajano*, paradigma da eloquência de aparato); *poemas* (totalmente perdidos); *cartas* (todas conservadas);
- as *epistulae* distribuem-se por dez livros; os nove primeiros contêm cartas dirigidas aos amigos, enquanto o décimo é constituído pela correspondência trocada com o imperador Trajano;
- as cartas, por vezes muito concisas, apresentam grande variedade temática, representando uma inestimável fonte de informações sobre a vida da "boa sociedade" romana coeva (livros I-IX), a carreira política do escritor e a administração provincial no tempo do império, com referências importantíssimas às perseguições contra os cristãos (livro X);
- entre os diversos assuntos focados por Plínio adquirem particular significado a situação dos escravos, a publicação de obras literárias, as leituras públicas, as descrições de paisagens (incluindo a erupção do Vesúvio) e de *uillae*;
- os quadros campestres, vistos com olhos de homem da cidade que procura no campo um refúgio, uma evasão da buliçosa vida urbana, têm traços que os aproximam da harmonia e serenidade do *locus amoenus* (cf. textos IV e V);
- na diversidade temática do epistolário descortina-se uma unidade de conjunto, conferida pela omnipresença do autor, através de cuja fina sensibilidade tudo nos aparece filtrado;
- ao contrário das cartas de Cícero, "fruto de uma exigência prática e imediata" (Italo Mariotti, p.197) e cujo estilo é espontaneamente familiar, as de Plínio, *epistulae curatius* (ou *diligentius*) *scriptae* para um público determinado, denotam, não obstante a transparência e elegância da linguagem, um certo academismo e artifício, devidos à "procura de uma espontaneidade que muitas vezes é aparente" (I. Mariotti, pag.197), e encerram subtilezas vizinhas do preciosismo;
- o escritor de Como, mesmo quando opta por frases mais longas, não recorre a uma "acumulação de orações subordinadas precedendo a ideia principal" (Sherwin-White, p. XVIII), construção tipicamente ciceroniana, e utiliza com frequência períodos breves. Em qualquer dos casos, este homem ávido de glória literária não descarta o equilíbrio da frase (cf. texto I, linhas 6-8; texto II, linhas 9-13; texto IV linhas 19-20) nem o vocabulário, que, sobretudo nas descrições paisagísticas, é muito poético; (cf. textos IV e V);
- a sintaxe pliniana, que em geral observa estritamente as regras clássicas, recorre, todavia, com alguma assiduidade, a construções que exigem do leitor certa atenção: frequente omissão de formas do verbo *sum*; emprego de *quod* com valor explicativo (cf. texto II, linhas 12-13); considerável uso de incisos (cf. texto I, linha 10; texto II, linha 2);
- em resumo, "embora mais próximas, pela intenção e pelo conteúdo, das cartas

de Cícero, reivindicado como modelo, [as de Plínio] estão próximas de Séneca pela atenção concedida à forma literária" (Sherwin-White, p.XV).

C'est un esprit délicat et un bon homme que Pline: on a plaisir à le fréquenter. Mais trop littéraire, et qui se complaît à l'être: il a trop de lectures, et veut qu'on le sente, tout en cherchant à dire autrement la même chose que ses maîtres chéris. Au fond, c'est un néo-classique de grand talent; il continue un mouvement que Martial, Juvénal et Tacite surtout avaient dépassé à force de génie; plus représentatif qu'eux de ce temps, il révèle l'épuisement d'une littérature qui allait languir pendant plus d'un siècle" (Jean Bayet, *Littérature Latine*, p. 406).

A sobrevivência de Plínio através dos tempos

Embora não tenha sido objecto de excepcional apreço nem de larga difusão, já que o interesse pela sua obra se manifestou quase exclusivamente na época carolíngia e renascentista, Plínio ainda conta, no entanto, com indefectíveis admiradores.

Do número deles faz parte um nome cimeiro da ficção portuguesa contemporânea, Vergílio Ferreira, profundo conhecedor da cultura greco-latina a quem a leitura de algumas cartas do epistológrafo de Como ditou penetrantes considerações, que não resistimos a transcrever.

De vez em quando retomo os meus clássicos latinos, ou mesmo os gregos, que são já um pouco duros para os meus dentes. Assim reli há pouco algumas cartas de Plínio. É um escritor inteligente que nos ficou em epístolas, como teria ficado o Ático, amigo de Cícero e tão parecido com o nosso Fradique imaginado por Eça. Ler latim é para mim um jogo sedutor. (...) Mas ontem, portanto, Plínio, o Moço. Reli várias cartas, algumas interessantíssimas, mesmo aquela em que nos conta das leituras públicas (a aproximar do que McLuhan nos diz a propósito da *Galáxia Gutenberg*) em que há toda uma comédia dos ouvintes desinteressados, a conversarem durante a leitura, a perguntarem se a coisa já vai adiantada, a rasparem-se antes do fim – e o mais. Há, todavia, uma carta que sempre me fascinou. Não, não é a que conta a erupção do Vesúvio que sepultou Pompeia, empolgante, sem dúvida, por nos fazer estar presentes ao grande cataclismo. É uma outra, em que nos descreve a sua casa de campo ou seja, de praia, situada a uns 25 quilómetros de Roma. Extraordinário palacete, que ele não julga todavia muito dispendioso, é verdadeiramente espantoso como há dois mil anos se pôde chegar ao requinte das suas comodidades, sobretudo à

sensibilidade aos aspectos da natureza, como o Sol e o mar, que habitualmente nos ensinam mais própria dos tempos modernos. Logo a situação da casa Plínio a dá como privilegiada ou de salientar. Ela está voltada para o mar (*prospicit mare*), dando as traseiras para a montanha (*respicit montes*). Depois há a disposição de certa sala, de modo a o sol a iluminar durante todo o seu percurso, ou a sala de jantar que as ondas chegam a vir banhar, ou uma outra disposta de modo a ser, no Inverno, aquecida pelo sol, ou a biblioteca inserida na parede, a sala de banhos, a piscina de água quente, a tubagem para o aquecimento, uma torre com uma grande vista sobre o mar, galerias, terraços. Mas há sobretudo um quarto prodigiosamente isolado dos ruídos, mediante uma parede dupla, com um vazio no intervalo, e onde não se ouve, durante a noite, nem as "vozes dos escravos" (*voces servulorum*) nem o "rumor do mar" (*maris murmur*).

Ora o que me excita nesta leitura não é o prazer físico que nela se revive, mas o prazer da sensibilidade, o que se levanta da contemplação do sol e do mar. A vista não se demora no espectáculo da montanha – o que seria talvez excessivo esperar. Mas contra um Spengler, mesmo talvez um Heidegger, há na descrição de Plínio a insinuada sensação da infinitude, na alusão à extensão marinha, como há o indizível do magnífico esplendor do Sol. É-se diferente de uma época para outra? Ou essa diferença está apenas no que se escolhe?

Conta – Corrente 3

Panorama literário da época de Plínio

Ao continuar a traçar o *quadro diacrónico da literatura latina* delineado ao longo do ano lectivo, convém inserir nele os seguintes elementos :

- Plínio integra-se no segundo período da época clássica, chamado *imperial ou argênteo*, mais concretamente no subperíodo que E. Paratore designa de *época dos Flávios e de Trajano* (de 68, data da morte de Nero, a 117, ano da morte de Trajano);
- nesta época, marcada pela ausência de debate político, verifica-se, em regra, o divórcio entre a literatura e a vida real, habilmente promovido pelo poder vigente, que, por um lado, apoia os escritores, mas, por outro, lhes cerceia a autonomia de pensamento, transformando-os em verdadeiros burocratas da actividade literária. Tal divórcio acentua-se à medida que as *recitationes* vão dominando a literatura;
- a omnipresença das leituras públicas e a implantação da retórica, com o estatuto de instituição oficial, arrastam consigo uma progressiva e inevitável

decadência da literatura, que, embora advogando o regresso aos clássicos (Cícero, Virgílio, Tito Lívio, etc.), como modelos, e o combate sem tréguas ao "barroquismo" da geração anterior, não consegue libertar-se convincentemente do preciosismo e da afectação retórica;

- na poesia desta época registam-se fundamentalmente duas tendências: *poesia épica segundo os cânones clássicos*: Valério Flaco, Sílio Itálico e Estácio; *poesia realista e inovadora*: Marcial (epigramas) e Juvenal (sátiras);
- a *prosa*, além de Plínio e seu tio, apresenta, como principais figuras, Quintiliano (grande teorizador da arte oratória), Tácito e Suetónio (historiadores);
- Plínio manteve relações de amizade e de ordem intelectual com Quintiliano (seu mestre), Marcial, Suetónio e Tácito (de todos o seu amigo mais íntimo).

Bibliografia

Além dos habituais *dicionários* (F. Torrinha, A. Gomes Ferreira e F. Gaffiot), *gramáticas* (J. Nunes Figueiredo - M. A. Almendra, A. Freire, E. Faria), *histórias da literatura latina* (J. Bayet, R. Pichon, E. Paratore, P. Grimal), *manuals de história, cultura e civilização romanas* (Laurand-Lauras, R. Bloch-J. Cousin, P. Grimal, J. C. Fredouille, J. Guillén, U.E. Paoli, H.H. Scullard) e *livros de método* ("Latim-Textos Pré-Universitários", "Latim 12º ano", "Initia Latina 2"), merecem particular referência:

Pline Le Jeune, *Lettres*. Tomes I-III. Texte établi et traduit par A. M. Guillemin, Paris, Les Belles-Lettres, 1953, 1955, 1967.

A.N. Sherwin-White, *Fifty Letters of Pliny*, Oxford University Press, 1969.

Plinio, *Lettere scelte*. Introduzione e commento di Celestino Garibotto, Milano, Signorelli, 1969.

Cesare Peri, *Versioni latine*, Firenze, Le Monnier, 1990.

J. Cousteix et alii, *Latin seconde*, Paris, Nathan, 1990.

A. Ernout - F. Thomas, *Syntaxe Latine*, Paris, Klincksieck, 1964.

Jérôme Carcopino, *A Vida Quotidiana em Roma no Apogeu do Império*, trad. port., Lisboa, Livros do Brasil, s.d., pp.237-246.

Maria Helena da Rocha Pereira, *Estudos de História da Cultura Clássica*, II vol. *Cultura Romana*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1990, pp 200-207.

Antonio La Penna, *La cultura letteraria a Roma*, Bari, Laterza, 1986, pp.121-138.

Italo Mariotti (a cura di), *Storia e testi della letteratura latina. Da Tiberio a Traiano*, Bologna, Zanichelli, 1981, pp.10-18 e 192-197.

Américo da Costa Ramalho, "Plínio Cecílio Segundo (Gaio)" in *Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*, vol.15, Lisboa, Verbo, s.d.

Francesco Trisoglio, "L'elemento meditativo nell'epistolario di Plinio" in *Fons Perennis*. Saggi critici di Filologia Classica raccolti in onore del prof. Vittorio D'Agostino, a cura della "Rivista di Studi Classici". Torino, 1971, pp.413-444.

Rossana Mugellesi, *Paesaggi latini*, Firenze, Sansoni, 1975, pp.1-12.

Vergílio Ferreira, *Conta-Corrente 3*, Amadora, Bertrand, 1983, pp. 60-61.